



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

EUGENIA LUCIA DOS SANTOS NUNES

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo sobre a
construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina”**

**CAMPINA GRANDE
DEZEMBRO/2016**

EUGENIA LUCIA DOS SANTOS NUNES

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo sobre a
construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dr^aValdecy Margarida da Silva

**CAMPINA GRANDE
DEZEMBRO/2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972g Nunes, Eugenia Lucia dos Santos

Gênero e sexualidade na educação infantil [manuscrito] : um estudo sobre a construção e a reprodução de "ser menino" e "ser menina" / Eugenia Lucia dos Santos Nunes. - 2016.

34 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Departamento de Educação".

1. Educação infantil 2. Identidade de gênero 3. Sexualidade
I. Título.

21. ed. CDD 372

EUGENIA LUCIA DOS SANTOS NUNES

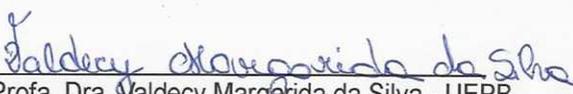
**GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo sobre a
construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina”**

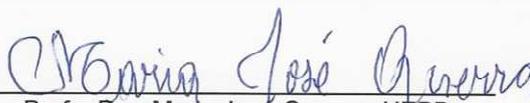
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento às exigências para
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dr^a Valdecy Margarida da Silva

Data da aprovação: 09 de dezembro de 2016.

Banca examinadora:


Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva - UEPB
(Orientadora)


Profa. Dra. Maria José Guerra - UEPB
(Examinadora)


Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - UEPB
(Examinadora)

Ao meu pai, pelo ensinamento deixado, pelo seu amor e dedicação, por seu exemplo de humildade e perseverança. Sempre será meu porto seguro.
DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, que me deu o dom da vida. Que em sua infinita bondade me proporcionou a oportunidade que os meus pais e irmãos não tiveram. Muitos foram os obstáculos encontrados nessa minha caminhada acadêmica, mas hoje saio vitoriosa, graças a Ti Senhor. Honraste mais uma promessa em minha vida como tens feito com todas as outras. Teu amor por mim é inexplicável e meu amor, gratidão e respeito por Ti é imensurável.

Ao meu Pai José Nunes (*In memoriam*), homem íntegro, trabalhador e cheio de sonhos. A quem devo todas as minhas conquistas. Serei eternamente grata pela pessoa que sou e pelos valores ensinados, bem como pelas palavras ditas que nunca serão esquecidas. Ao senhor todo amor desse mundo.

A minha mãe Teresinha, que mesmo na ausência das palavras me edificou e continua a fazê-lo, que mesmo sem diploma foi a total responsável pela minha educação. É meu amor e meu espelho (talvez essas palavras não cheguem ao seu conhecimento).

Aos meus irmãos, (Adilson, Ademir, Adriano, José, Aelson, Ailton e Adailton), que sempre demonstraram muito orgulho pelo meu ingresso na faculdade.

Aos colegas de sala de aula (Thiago, Janaína, Mykaellem, Clara e Joab), que se tornaram amigos/irmãos e estes levarei para toda a vida.

Ao meu alicerce, que são os amigos que Deus escolheu para minha vida, pessoas sem as quais eu não seria quem sou. A vocês, meu total respeito, carinho e amor. (Luana, Jacqueline, Sabrina, Julyane, Ludymilla, Joselma, Felipe, Rufino, Naelly, Galzinha, Melqui, Jonathas Eduardo, Joselma, Manu, Vanessa e Larissa).

Aos meus pais postiços, os quais tenho como exemplo de família. São eles que me dão colo quando eu acho que a vida é dura comigo (Seu Ramos, Dona Maria, Nelcila, Dona Tonha, Dona Fátima e Lulu).

Aos amigos de trabalho, que refletem o real sentido de excelência e profissionalismo na área da educação. Exemplos do que eu almejo ser um dia (Professora Socorro Paiva, Doutora Monica Cavalcante e Professor Josimar).

Aos profissionais dessa Instituição, pela paciência e generosa partilha de conhecimentos.

Ao ser humano abençoado que é a Professora Doutora Maria do Socorro Moura Montenegro, coordenadora adjunta do Curso de Pedagogia da UEPB até outubro de 2016, que o Senhor abençoe ainda mais sua vida.

À minha orientadora, a Professora Doutora Valdecy Margarida da Silva, eternamente grata pelo sim que me foi dado. Se esse momento é realidade para mim é graças à confiança que me depositou. Muito obrigada pela paciência, pelos ensinamentos e pelo amor que exala em seu trabalho.

Ao meu namorado Matheus Lucas, pela paciência e por sempre incentivar os meus projetos e acreditar em mim mesmo quando eu mesma desacreditava.

Aos meus professores do colegial, onde tudo começou. Com seus valorosos ensinamentos me proporcionaram encerrar mais um ciclo essencial em minha vida.

Aos meus alunos, pelo carinho e pela troca de aprendizagem. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Muito Obrigada!

“Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, homens e mulheres, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído”.

(Guacira Lopes Louro)

TABELA DE FIGURA

Figura 1.....	31
Figura 2.....	32
Figura 3.....	33
Figura 4.....	34

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. Gênero e sexualidade: breves considerações	12
3. Gênero e Educação Infantil: o papel da escola na discussão de gênero.....	16
4. Um estudo sobre a construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina”	18
4.1 Da eleição de brinquedos e brincadeiras, personagens e cores pelas crianças.....	20
4.2 Das mensagens implícitas e explícitas nas vozes das crianças.....	23
5. Considerações Finais	25
6. Referências.....	27

GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo sobre a construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina”

Eugenia Lucia dos Santos Nunes¹

RESUMO

A escola vem reproduzindo, diariamente, uma identidade de gênero conforme os padrões vigentes e aceitos na sociedade. E isso começa na Educação Infantil já que elas não nascem conhecendo os estereótipos que a sociedade tem muito presente, como normas. Diante disso, o objetivo deste trabalho é investigar as interações existentes entre professores e crianças na Educação Infantil, a partir da (re)produção da identidade de gênero. Para isso, utilizamos como referência os estudos dos autores FELIPE (2000), FINCO (2003), ROCHA (1998), Guacira Lopes Louro (2002), dentre outros. Lopes (2002) defende que a Educação está implicada, seja também qual for à concepção que se assuma, num processo de construção de sujeitos. A escola é uma instituição social que propaga e transcreve valores e comportamento que na sua visão são considerados como os mais adequados, com a diferenciação dos sexos, a partir do vestuário, das brincadeiras e das relações dentro da escola, formando assim sujeitos masculinos e femininos. Esta pesquisa, que se configura com um estudo de caráter exploratório, que tem como sujeitos duas professoras do ensino infantil, nos mostra que os profissionais da educação não consideram a importância da interferência de suas práticas na construção das identidades de gênero das crianças. Na escola, assim como na família, as crianças estão totalmente expostas a modelos de identidades de masculinidade e feminilidade; tanto as meninas quanto os meninos são tratados de forma diferenciada por parte dos professores, baseado em comportamento adequado para cada sexo.

Palavras-chave: Gênero; Educação Infantil; Identidade.

1. Introdução

Simone de Beauvoir revolucionou ao publicar em seu livro a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher (1980, p. 9)”. Tornando impactante para as mulheres de todas as raças, religiões e classes sociais a possibilidade de nascermos biologicamente com um gênero e vivermos outro em nossa vida. A sua afirmação fez com que mulheres repensassem o seu papel em uma sociedade totalmente machista,

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. eugenialucianunes@hotmail.com

desmistificando a superioridade do homem sobre a “fragilidade” da mulher que foi imposta de uma forma totalmente cultural. Ao longo da história, a mulher deixou de se vê como coadjuvante e buscou o seu lugar.

Nos anos 80 do século XX, a palavra “gênero” começou a ser utilizada, pelas feministas americanas e inglesas, para fundamentar a desigualdade entre homens e mulheres. Podemos conceituar gênero como sendo uma construção que ocorre durante toda a vida, acontecendo em diferentes instituições e práticas sociais que formam os sujeitos como homens e mulheres em um processo que não tem fim, nem se completa. É equivocado associar a identidade de gênero com a orientação sexual.

É na infância que podemos afirmar que se inicia a desigualdade de gênero. Na verdade, aprendemos que as meninas gostam de bonecas, gostam de brincar de afazeres domésticos e os meninos por sua vez, gostam de futebol, dos jogos envolvendo força, etc. É nesse contexto que as desigualdades começam. Os pais, a família e a escola têm um tratamento diferenciado em função do sexo do menino. O menino tem como “obrigação” ser forte e a menina, por sua vez, tem que ser frágil, séria, ter boas notas na escola. Desde cedo se ensina que a menina reproduz as atividades da sua mãe e o menino as do seu pai; sendo os pais os primeiros modelos de comportamento para os filhos. Assim, o indivíduo, desde a socialização primária, aprende as diferenças de gênero.

A escola é uma das instituições que transmite e reproduz, por meio de suas práticas sociais, valores e comportamentos considerados “adequados”, formando, assim, sujeitos masculinos e femininos. A falta ou até mesmo a pouca formação profissional na área de gênero pode ser um dos fatores que levaram os professores a tomarem atitudes sem reflexão que influenciaram na constituição identidades de gênero e sexual das crianças. As interações, os comportamentos diversificados e não sexistas entre as crianças precisam ser discutidos e incentivados pelos professores, para que não exista uma separação entre meninas e meninos no espaço escolar, de modo que respeitem as diferenças e que as desigualdades entre os gêneros diminuam. O que nos falta enquanto educadores é aceitar essa falta de informação ou formação que ainda existe em relação ao assunto. É assumir que a escola, como uma instituição que constrói valores, tem que rever alguns tabus construídos em torno da discussão do gênero com as crianças.

O objetivo central desse estudo é verificar o papel da escola na desconstrução do pensamento sexista relacionado às crianças em idade pré-escolar. Para isso,

recorreu-se a um estudo de caráter exploratório, no qual utilizou-se o questionário de pesquisa como forma de coleta dos dados. Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras do ensino infantil.

O artigo está organizado em três tópicos. No primeiro, faço breves considerações sobre gênero e sexualidade. No segundo capítulo, discuto gênero e Educação Infantil, fazendo uma breve análise sobre o papel da escola na discussão de gênero. No terceiro, apresento o estudo feito sobre a construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina” na Educação Infantil. Depois, tecemos nossas considerações acerca das vozes das professoras colaboradoras e, por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

2 Gênero e sexualidade: breves considerações

A sexualidade humana vem sendo bastante discutida, tanto do ponto de vista histórico como conceitual, principalmente no meio pedagógico. O conceito de gênero foi constituído socialmente buscando compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, como também os papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles.

Para as *feministas* o gênero é uma organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1988). Tal conceito surgiu por intervenção das mesmas, pois estudiosos acreditavam que a mulher era vítima da discriminação e do machismo, manifestando que a importância da tradição cultural no sentido da reprodução das desigualdades de gênero.

Para SCOTT (1988, p. 21) [...], o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. HALL (1997:49-50) mostra que o Feminismo introduziu reflexões não apenas com foco nas diferenças de gêneros, mas introduzem aspectos inteiramente novos na sua luta de contestação política, quando abordam temáticas como família, sexualidade, trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, etc.

Nesse sentido, as relações de gênero estão ligadas às relações sociais de poder entre homens e mulheres e o “papal social” que cada um deve exercer na sociedade, que é definido pelas diferenças sexuais. Essa relação é definida pela sociedade e imposta por ela aos indivíduos. Dessa maneira, regras sociais são estabelecidas onde predeterminam o que cada um deve usar, a maneira que deve se vestir e até mesmo como devem se comportar dependendo do seu gênero, aqueles indivíduos que não aceitam as regras impostas são estigmatizados e sofrem vários tipos de preconceito e discriminação.

Para Louro (2013):

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, homens e mulheres, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído (LOURO, 2013, p.11).

As concepções sobre a sexualidade têm passado por mudanças ao decorrer do tempo. Antes acreditava-se que a mesma era definida apenas pelo fator biológico e para alguns biólogos a homossexualidade era vista como uma doença genética. Mas, segundo Gama (2003), a biologia por si só não conseguiu explicar as formas de sexualidade humana, se tornando, assim, somente uma base para explicar o gênero, pois ele também pode ser explicado por meio da socialização, sendo meramente arbitrário, não podendo ser explicado apenas pela biologia. Para os sociólogos, o gênero é uma construção social, onde os indivíduos nascem e aprendem seus “papéis sociais” já estabelecidos.

Dessa maneira, as diferenças de gênero não podem ser apenas biologicamente determinadas, pois não se tratam somente de um fenômeno puramente biológico. Devemos levar em consideração a cultura na qual o indivíduo está inserido. Dessa forma, observa-se que ocorrem mudanças na definição do que é ser homem ou mulher ao longo da história e em diferentes regiões e culturas.

Na nossa cultura, por sua vez, quando a mãe está grávida que nasce um menino, ela logo pinta o quarto do bebê de azul (quando é possível), pois há uma construção social já estabelecida pela sociedade que diz que a cor para os meninos é o azul. Desde criança, ele é ensinado que deve gostar de jogar bola, brincar com carrinhos, gostar de jogos de luta. Quando nasce uma menina, a mãe pinta seu quarto de rosa e compra bonecas, para ela brincar de “casinha”. O homem aprende desde criança que seu papel na sociedade deve ser o de ser forte, corajoso, trabalhador, já a mulher deve ser delicada, gentil, amável e tem por obrigação aprender a cuidar da casa, do seu marido e dos seus filhos.

[...] Nas ciências sociais a questão do gênero é considerada de maneira complexa, não podendo ser compreendida fora das estruturas sociais e históricas. O gênero produz e é produzido nas diversas áreas da vida social, de forma simbólica, através da cultura, da ideologia, das práticas políticas e discursivas, ou seja, na divisão social do trabalho assalariado, na organização burocrática do Estado, na manifestação da sexualidade e na estrutura da violência, principalmente a simbólica, que sempre afetou as mulheres. (CAMPOS, 2009, p.26)

Considerando tais afirmativas, os dispositivos sociais procuram moldar os indivíduos desde criança para mostrar como cada um deles devem se comportar de acordo com seu gênero. Homens e mulheres são socializados em papéis diferentes,

culturalmente se cria na sociedade ideias e valores sobre o que é ser homem ou ser mulher. Esta diferenciação se denomina representações de gênero.

Estudar o conceito de gênero oferece um olhar mais atento para determinados processos que consolidam diferenças de valor entre o masculino e o feminino e que geram desigualdades (THERBORN, 1999).

Desse modo, as questões de gênero encontram-se diretamente relacionadas à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões daquilo que é devido para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano.

As identidades sexuais são constituídas através da forma com que os indivíduos vivem a sua sexualidade, sendo com parceiros do sexo oposto ou do mesmo sexo. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e, assim, constroem suas identidades de gênero. Essas identidades estão profundamente interrelacionadas. No entanto, não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, “as identidades são sempre construídas, não são dadas ou acabadas num determinado momento, são instáveis e passíveis a transformação” (LOURO, 2013).

As identidades de gênero e de sexualidade estão relacionadas, porém, são diferentes. Eu posso ser do gênero feminino e me relacionar sexualmente com uma pessoa do mesmo sexo, isso não faz com que eu deixe de ser do gênero feminino, ou seja, é possível ser homem e ser homossexual, uma identidade não exclui a outra. “Existem normas e regras nas sociedades que concordam com certas práticas sexuais, e reprovam outras, os indivíduos da sociedade na qual estão inseridos aprendem essas normas com a socialização” (GIDDENS, 2005, p.415).

A orientação sexual é uma atração emocional, romântica ou afetiva pelos indivíduos, a heterossexualidade é a orientação sexual por um indivíduo do sexo oposto, a homossexualidade é a orientação sexual por indivíduos do mesmo gênero, e a bissexualidade é quando uma pessoa deseja ambos os sexos. A heterossexualidade é a mais frequente, e que é imposta pela nossa sociedade. Portanto, acaba sendo privilegiada, enquanto a homossexualidade e a bissexualidade, por serem diferentes, acabam sendo discriminadas, gerando assim, o

sexismo, que é um tratamento desigual que se dá a um determinado sexo, levando a crer que um sexo vale mais do que o outro.

Segundo GIDDENS (2005), a expressão “opção sexual” é usada de forma incorreta, pois dá a ideia de escolha do indivíduo e não é bem assim, um homossexual não opta por ser homossexual, nem o bissexual pode escolher, assim como o heterossexual também não escolhe sua preferência. É uma característica espontânea resultantes de um conjunto de fatores psicológicos, sociais e culturais que intervêm na formação da orientação sexual.

Ao desvalorizar, discriminar e reprovar as diferenças de gênero e de orientação sexual, a sociedade, a família e as instituições contribuem para reproduzir relações de desigualdades entre os indivíduos. Segundo a Constituição Federal de 1988, art. 5º, (BRASIL, 1988) “Todos são iguais perante a Lei”, porém, enquanto não aprendermos que não se deve minimizar e estigmatizar aqueles indivíduos que agem de forma diferente do que a sociedade espera, nunca teremos uma sociedade justa e igualitária.

Os estereótipos sexistas podem ser definidos como uma atitude ou uma ação que diminui, exclui, subrepresenta e estereotipa as pessoas, de acordo com o seu sexo (...) uma imagem mental padronizada, que é comum aos membros de um grupo e representa uma opinião exageradamente simplificada, uma atitude emocional ou um julgamento sem exame (GOFFMAN, 2008, p.50).

Estereótipos são uma criação de rótulos sobre o comportamento específico do homem ou da mulher que são reproduzidas pela sociedade e reforçados pelo senso comum, constituídos por imagens e símbolos pejorativos causando impacto negativo aos outros. Isso gera muitas desigualdades e discriminação e, conseqüentemente, a homofobia que é um aglomerado de sentimentos negativos como: o ódio, a raiva, a antipatia e os preconceitos, que acabam levando uma pessoa a agir com violência contra os homossexuais.

Para a diminuição desse conjunto de violações aos direitos humanos, a sociedade precisa encarar a sexualidade como uma manifestação íntima de cada indivíduo, e que precisa ser respeitada como um direito, pois toda pessoa pode se relacionar com qualquer outra afetivamente, livre de qualquer constrangimento, com autonomia para reconhecer e exercer seus próprios desejos em liberdade.

3. Gênero e Educação Infantil: o papel da escola na discussão de gênero

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e a Constituição de 1988 vêm certificar que todas as crianças de 0 a 6 anos tem o direito de serem educadas fora de casa em creches e pré-escolas (VIANNA; UNBEHAUM, 2006). A educação infantil, como iniciação da Educação Básica, é onde começa a experiência da criança no âmbito escolar, onde terão oportunidade de conviver em um grupo social mais amplo, em uma instituição com características diferentes das do meio familiar. A escola é uma das instituições que vem transmitindo e reproduzindo, através de suas práticas sociais, valores e comportamentos, considerados adequados, criando sujeitos masculinos e femininos.

Mulheres e homens heterossexuais criam seus filhos delimitando em seus corpos as diferenças de gênero. Os aspectos físicos e as condutas esperadas para meninos e meninas são fortalecidos e muitas vezes inconscientemente, a partir dos mínimos gestos ou até mesmo as práticas do dia-a-dia na educação infantil (Finco, 2003). Podemos perceber isso na maneira como os pais ou os professores conversam com as meninas, exaltando sua doçura. Ao atribuir para as meninas as tarefas domésticas e aos meninos as tarefas mais pesadas nos mostra como as expectativas são diferentes. O que muitas vezes valorizamos para a menina não é, para o menino, e vice-versa. Tal pensamento reflete nos tipos de brinquedos/brincadeiras que lhes são consentidos e oferecidos: para que elas (as crianças) "entendam", de maneira dissimulada, a se portar como "autênticos" homens e mulheres.

As instituições escolares são responsáveis por formar os indivíduos que as frequentam, compreendemos assim, que elas são produzidas por eles e pelas representações de gênero que nelas circulam. Um exemplo disso é quando um professor não medita sobre sua atuação no que diz respeito ao trato com meninos e meninas, podendo, assim, sistematizar a brincadeira de maneira que favoreça o sexismo. Essa prática talvez contribua para que as crianças se coloquem em grupos distintos de meninas e meninos, sem que ao menos essa organização seja explícita. E é esta instituição escolar que vai inserir os primeiros conceitos sobre gênero. Louro (2002, p. 229) defende que:

A Educação está implicada, seja também qual for à perspectiva que se assuma, num processo de construção de sujeitos. Gênero pode ser, pois, um conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais. Pondo em xeque o caráter “natural” do feminino e do masculino, o conceito indica que há um processo, uma ação, um investimento para “fazer” um sujeito “de gênero” (e não se duvida que a educação tenha a ver com isso).

A escola vem produzindo, diariamente, uma identidade nos indivíduos (meninos e meninas) heterossexuais, conforme os modelos previstos pela sociedade. Louro (2001, p. 17) esclarece que:

A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. [...]. É curioso observar, no entanto, o quanto esta inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento.

De maneira que escola pode não eternizar esta hierarquia de gênero. “Seja no âmbito do senso comum, seja revestida por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender e justificar a desigualdade social.” (Louro, 1996, p. 34). Tal diferença nos mostra privilegiar os homens, na medida em que a sociedade não oferece tais oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a todos.

Antes mesmo do nascimento da criança, as expectativas, as cores, os brinquedos/brincadeiras procuram moldar as crianças para que elas entendam e assumam os rótulos que a sociedade impõe. Mas, é necessária que na escola a escolha dos brinquedos/brincadeiras, das falas, das cores, das atividades, sejam diferenciadas segundo o sexo? É normal enxergarmos como natural a ideia de que os meninos e as meninas possuem papéis e comportamentos pré-determinados?

É ensinado desde o berço que menino não deve e nem pode chorar, que não sente dor e, afetividade entre eles, não deve existir. A maneira como eles devem agir, tem que ser diferente do comportamento das meninas. É nesse âmbito preconceituoso que o ensino infantil trabalha gênero.

4. Um estudo de caso sobre a construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina”

Ao descobrir o sexo do bebê, iniciam-se as imposições de gênero. Na Educação Infantil, começa a construção do ser menino e do ser menina, tanto com os brinquedos, brincadeiras, cores e amigos (esse tem que ser do mesmo sexo), quanto com os comportamentos em geral. Isso vai até a vida adulta com a escolha do emprego, por exemplo, em que se acredita que mulher deve ser uma ótima dona de casa e o homem tem que trazer dinheiro adquirido através de trabalho que exija força.

Quais as distinções que realmente se tem entre meninos e meninas? Existem mesmo coisas que meninos podem fazer e meninas não? O livro de Ruth Rocha (1998) “Faca sem ponta, galinha sem pé” narra a história dos irmãos Pedro e Joana que, ao passearem juntos embaixo de um arco-íris tem o sexo trocado. Começa, então, um conflito entre eles. No decorrer da história, ambos entendem que não existem diferenças entre meninos e meninas, de modo que são meras conveniências e que não existe essa história de “coisas de menino e coisas de menina”.

Na história, Ruth Rocha questionará, de um modo bastante divertido, que tipo de comportamento esperamos dos meninos e meninas. O conflito existente entre gêneros é representado pela permissão ou não de jogar futebol. No final da história, constatamos que Joana e Pedro compreendem as diferenças, entendendo, afinal, que elas são formadas gradativamente. Não temos mais como pensar que somente as características biológicas são determinantes para construção da personalidade, mesmo por que essa viagem para dentro deles mesmos confirma a existência de características tidas como femininas ou masculinas em ambos. Inúmeros são os Pedros e Joanas: meninos que querem brincar de casinha, boneca, brincar de salão de beleza e meninas que também possuem a vontade de jogar videogames, subir em árvores, jogar bola e brincar com espada, carro e moto. Família e escolas entendem que dependendo da maneira que estas crianças sejam trabalhadas poderá influenciar na condição sexual delas futuramente. É a partir disto que desde cedo começa a distinção para eles “isto não é coisa de menino”, “menina não senta de pernas abertas”.

A leitura do texto nos mostra o quanto a sociedade é preconceituosa e como nós, enquanto educadores, podemos, indiretamente, e sem nenhuma

intencionalidade, impor as crianças esse tipo de estereótipo. A criança vê a brincadeira como um momento prazeroso, não priorizando se ela é “adequada” para menino ou menina, sem fazer nenhum tipo de discriminação, imposta por nós, adultos.

Essa preocupação do adulto é correlacionada com a dificuldade em saber distinguir a identidade sexual da identidade de gênero. Essas identidades estão interrelacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa (Louro, 1997, p. 27).

No presente estudo observei o quanto o preconceito do pai interfere nas escolhas do filho e como se encontra explícito a fala do pai nas escolhas do filho. Observei Bruno, de 5 anos, estudante da alfabetização de uma escola privada no município de Alagoa Grande/PB e constatei o quanto a fala do seus pais interfere no ato dele escolher os brinquedos e suas brincadeiras.

Seu pai, Adriano, 34 anos, autônomo de nível superior incompleto, mostrou o quanto tem medo que o brincar possa influenciar na orientação sexual do seu filho. Ele me relatou que seu filho é homem. Portanto, não deve brincar de brincadeiras de meninas e deixou bem claro que sua posição é dita ao seu filho de modo claro e objetivo, que isso vinha da maneira como ele foi criado. Que o certo é menino brincar com meninos, de carrinho e bola, que deve gostar de assistir futebol.

Na conversa, o pai lembrou uma determinada situação onde Bruno assistia um determinado grupo dançando e cantando na TV e quando viu a criança dançar o repreendeu. Sua esposa, Adriana, de 30 anos, professora de história e formada pela UFCG, falou que acha correto fazer essa “distinção” de gênero, mas disse que para ela é “natural”, pois é algo que vem de berço, que menino tem que fazer coisas de meninos:

Eu acho uma atitude muito natural fazer essa distinção de gênero primeiramente no lar, pois de fato a criança precisa ter essa noção em casa, principalmente porque menino tem que brincar de brincadeiras e coisas indicadas para meninos. A sociedade nos ensina isso desde sempre. É uma construção social. (Pai, 34 anos)

Em nenhum momento a mãe falou da questão que seu marido apontou que possa interferir na orientação sexual, mas alegou que foi o modo como foi criada.

Alegou, também, que é dessa maneira que nossa sociedade trabalha o assunto. Então, não tinha como ser diferente. Carlos me mostrou seus brinquedos (carros, bolas e bonecos), falou o quanto gostar de assistir futebol e que torce para o flamengo. Quando perguntei quais as brincadeiras de que ele gosta, a resposta foi rápida: “futebol”. Perguntei, ainda, como ele escolhia os brinquedos e as brincadeiras e ele respondeu que algumas são para meninas e outros para meninos, que ele era homem igual ao pai dele. Então, não brincava com bonecas e nem brincadeiras de meninas. Perguntei se na escola ele brincava com as coleguinhas e ele disse que não, pois meninas são chatas.

Segundo TÜRCKE (2001), brinquedos e personagens infantis, por exemplo, conferem também o logotipo, tal qual uma marca da personalidade do sujeito que vai se constituindo, nesse sentido as escolhas por personagens, cores e brinquedos associados ao gênero masculino são inerentes às escolhas da criança, embora não se deem conta de suas sexualidades ainda nesse momento.

4.1 Da eleição de brinquedos e brincadeiras, personagens e cores pelas crianças.

Sabemos que essa distinção que existe nas brincadeiras por gêneros é cultural, estando associada aos papéis desempenhados pelos homens e mulheres na sociedade. Os brinquedos destinados às meninas estimulavam os afazeres domésticos e a maternidade. Enquanto os brinquedos desenvolvidos para meninos, sempre relacionava ao uso da força física.

Observamos meninas e meninos brincando com qualquer material disponível, sem fazer qualquer tipo de distinção por serem qualificados como sendo de meninos ou meninas. No entanto, é mais fácil encontrarmos meninos brincando de bola, luta ou até mesmo carrinhos e meninas com bonecas ou representando personagens que mostram a imagem da força, da virilidade, de um lado, e da beleza, da dedicação e da meiguice de outro. As diferenças entre meninas e meninos são justificadas como naturalidade do gênero e não existe uma intencionalidade de conceder tanto as meninas quanto aos meninos as mesmas chances de ingresso às várias proporções da cultura infantil. Sabemos que as meninas não são encorajadas a jogar futebol. Os professores defendem os meninos usando a expressão “fominhas por bolas”; e

justificam essas escolhas afirmando que as meninas optam por assistir ao jogo; pois elas desconhecem as regras do futebol, podendo se machucar e desse modo desistem de jogar.

As meninas tem sua identidade de gênero e são questionadas se praticam futebol. Com meninos não é diferente. Se eles não o fazem, se não são “apaixonados” pelo time ou se não têm um time, também, são questionados. A família e a escola fazem uma "pressão social" para que pratiquem essa modalidade. E os que não o fazem podem ser vistos como femininos. Tornando preocupante para alguns pais e professores o fato do menino mostrar algum tipo de interesse com brinquedo ou brincadeiras tidos como femininos.

Muitas professoras tomam para si a responsabilidade de vigilância diante da possível orientação sexual das crianças, especialmente quando se trata de meninos, pois na nossa cultura muitos adultos vêem com extrema reserva o fato de alguns meninos demonstrarem comportamentos considerados não apropriados com a sua masculinidade. Dessa forma, brincar de boneca ou estar sistematicamente brincando de casinha com as meninas, ou querer fantasiar-se de personagens femininos, ainda é visto com muita preocupação por parte de profissionais que atuam em creches e pré-escolas. (Felipe, 1999, p.58)

Sabemos perfeitamente que essa opressão não é imposta apenas para os meninos. As meninas são semelhantemente penalizadas, pois tem por “obrigação” ser recatadas, metódicas e submissas. Meninas e meninos desenvolvem suas condutas e competências no sentido de atingir as expectativas quanto às características mais desejáveis para o que é definido como conveniente a um modelo singular de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade.

As definições de gênero são impressas nos corpos de meninas e meninos de acordo com as expectativas impostas frequentemente para as crianças, na forma como os professores se relacionam com elas. Os corpos dessas crianças passam, desde muito cedo, por um procedimento de feminilização e masculinização, responsável por torná-los "mocinhas" ou "moleques" (Finco, 2007). A sociedade “obriga” essas crianças a desenvolverem um papel do que é o mais correto de acordo com sua condição sexual, aquelas que por algum motivo não preencham os requisitos são vistas como “diferentes”, preocupando, assim, a escola e os pais.

Observamos como é enraizado o conceito de gênero masculino. Quando falamos em meninos vem logo a nossa mente um universo todo azul, cheio de carrinhos, bolas, aventuras e força. O mesmo acontece quando o assunto é as meninas. Nesse caso, a cor predominante será o rosa, bonecas de pano, esmaltes, batons, fragilidade e obediência completa o mundo feminino. Quando na sala de aula é entregue algum material onde as cores disponíveis são apenas rosa e azul, notamos como as meninas disputam pelo rosa e o desapontamento dos meninos que não ficam com o azul. Cores, brinquedos, personagens, roupas, perfumaria, enfeites para meninos e meninas conferem também o logotipo, as marcas da personalidade do sujeito que vai se constituindo (TÜRCKE 2001).

Notamos que os personagens masculinos geralmente são robustos, poderosos, fortes, agressivos, belos, totalmente tolerantes à dor e por sua vez, as personagens femininas são meigas, delicadas, magras, doces, maquiadas e comportadas. Com isso vão reforçando estereótipos e assim influenciando na construção das identidades de gênero. É assim que os meninos se identificam com super heróis que são fortes, protetores como os pais; já as meninas tendem a se identificar com princesas, pois, são bonitas e doces.

Que associação existe entre os espaços destinados aos homens e mulheres e as expectativas para os meninos e meninas? Faz-se necessário a aceitação de que “naturalmente” as escolhas dos brinquedos, das cores, das atividades sejam diferenciadas segundo o sexo? Para a criança, o brincar é representar, e, muitas vezes, representar o que é visto no seu dia a dia, de modo que uma menina que tem como figura paterna um mecânico acredita não ser estranho que essa criança goste de carros, como também outro exemplo seria um menino que passa maior parte do tempo com mãe e a mesma cuida dos afazeres domésticos, a criança querer brincar de casinha. As duas crianças só estão representando a realidade deles, sem fazer nenhuma menção à orientação sexual. No entanto, é esse pensamento que tanto amedronta os pais.

Para uma criança, os brinquedos não tem sexo. Não partirá dela essa distinção de que determinado brinquedo é adequado para menino e não para menina e vice versa. Família e escola reproduzem na criança, desde cedo, que brincadeiras, brinquedos ou até mesmo cores são determinadas para as crianças do sexo masculino/feminino, fazendo com que seu universo criativo e exploratório seja drasticamente reduzido ao que família/escola impõe. Cria-se na criança uma

concepção que se ela brincar com determinado brinquedo poderá até mudar a sua orientação de gênero, que identificações entre ser homem e mulher está atrelada às representações no qual a sexualidade é identificada através dos brinquedos.

Mudar determinadas concepções não é uma tarefa fácil para os professores que encontrarão nos pais certa resistência. Esses pais já foram “contaminados” pela sociedade sobre essa dicotomia de gênero, em que existe um preconceito por parte da família em que acredita-se que a criança vai definir sua identidade de gênero através de um brinquedo ou brincadeira.

4.2 Das mensagens implícitas e explícitas nas vozes das crianças

No mundo das crianças se torna comum ouvirmos alguns relatos onde elas já fazem essa distinção de gênero. “O canto (espaço) dos bonecos está feio” porque “essa parte é dos meninos” ou “que minha bolsa é bonita porque é de menina (rosa ou lilás) e que da coleguinha é feia porque era de menino (azul)”. Já com os meninos, podemos ouvir expressões um tanto quanto machista como “bonitona”, “sou macho igual ao meu pai”, entre outros termos. Juntamente com a seleção de brinquedos, cores, materiais, as palavras empregadas reproduzem ou explicitam mensagens relacionadas às formas de se viver os gêneros e também às formas de se viver a sexualidade por meio de mecanismos de erotização dos corpos infantis.

A problematização das identidades femininas e masculinas, por meio de linguagens, brincadeiras, atividades lúdicas, histórias, peças teatrais, entre outras ferramentas pedagógicas, tem gerado questionamentos pelos professores, em especial da educação infantil, durante as atividades diárias, uma vez que a interferência do docente no processo educativo poderá fazer a diferença, ou porque não dizer, interferir no processo de construção de identidade dos sujeitos alunos.

Os profissionais da educação desconsideram a influência de suas práticas na construção das identidades de gênero das crianças; que as crianças, na escola, são expostas a modelos de identidades fixas de masculinidade e feminilidade; que meninas e meninos recebem tratamento diferenciado por parte dos professores, baseado em comportamento adequado para cada sexo. A articulação entre gêneros, na educação infantil, representa um desafio a ser superado. A criança não nasceu conhecendo os estereótipos que a sociedade tem muito presente, como normas.

Entendemos que a família, a escola e as demais instituições ajudam a construir as identidades de gênero nas crianças.

Nesse trecho do livro de Ruth Rocha podemos notar o quanto contribuimos para o conceito de como meninos e meninas devem agir e reagir de maneiras distintas.

Dona Brites ficava zangada:

- Que é isso, menina? Que comportamento! Menina tem que ser delicada, boazinha...

-Boazinha? Pois sim! - respondia Joana de maus modos.

Às vezes Pedro chegava da rua todo esfolado, chorando.

-Que é isso? - Espantava-se seu Setúbal. - O que foi que aconteceu?

- Foi o Carlão! foi o besta do Carlão! Me pegou na esquina - choramingava Pedro.

Seu Setúbal ficava furioso:

- E você? O que foi que você fez? Por acaso fugiu? Filho meu não foge! Volte pra lá já

e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira!

Homem não chora!

(Faca sem ponta Galinha sem pé, Ruth Rocha, 1998)

Tanto os pais quanto a escola tem esse conceito enraizado de maneira que nos parece “natural”, fazendo com que criemos uma identidade de gênero na qual eles devem seguir como se fosse uma cartilha.

O livro “Feminina de menina, Masculino de menino”, de Márcia Leite, 2011, nos mostra de uma maneira engraçada e bastante curiosa o que as meninas e meninos pensam sobre eles mesmos e os outros, ao fazer revelações surpreendentes sobre o sexo oposto e ao ler acabamos nos identificando de modo que muitas das falas descritas lá, já fizeram parte da nossa opinião. Notamos na fala das crianças, independente de ser menino ou menina, que essa distinção já foi colocada neles. Mesmo sem “compreender”, eles já fazem essa separação do que é para um e para outro. Todas as frases parecem clichê e é como houvesse um manual de como cada um ter quer ser, como meninos “reclamam” das mesmas situações e as meninas do mesmo jeito.

Somos nós, adultos, que esperamos das crianças que elas tenham essa concepção de que meninos devem ser, pensar e sentir de uma maneira machista. Elas ainda não fazem distinção dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações das crianças na Educação Infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, raças e crenças com valores e comportamentos, também, diferenciados. É nesse contexto, que profissionais da Educação Infantil, muitas vezes desconsideram a influência de nossas práticas na construção das identidades de gênero das crianças. Na escola, elas estão expostas a modelos de identidades fixas de masculinidade e feminilidade; recebendo tratamento diferenciado por parte dos professores, baseado em comportamento que acreditam ser adequado para cada sexo.

A associação entre gênero na família e na escola, através do trabalho pedagógico, ainda representa um desafio a ser superado. O primeiro passo é aceitar que a escola não é neutra, que ela tem participação na construção da identidade de gênero. Essa construção se dá desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da Educação Infantil. Entendemos que discutir as questões de gênero na educação significa indagar conceitos pré-concebidos, determinações que inofensivamente permeiam nossas práticas. Explanar as relações de gênero é, antes de tudo, remexer no cultural da nossa própria história, em conceitos que estão enraizados até hoje no nosso cotidiano.

ABSTRACT

The school has been reproducing, daily, a gender identity according to the current and accepted standards in society. And this begins in Early Childhood Education since they are not born knowing the stereotypes that the society has very present, like norms. Therefore, the objective of this study is to investigate the interactions between teachers and children in Early Childhood Education, based on the (re) production of gender identity. For this, we use as reference the studies of the authors FELIPE (2000), FINCO (2003), ROCHA (1998), Guacira Lopes Louro (2002), among others. Lopes (2002) argues that education is implied, whatever the conception one may assume, in a process of constructing subjects. The school is a social institution that propagates and transcribes values and behavior that in its view are considered the most appropriate, with the differentiation of the sexes, from the clothes, the games and the relationships within the school, thus forming male and female subjects. This research, which is configured with an exploratory study, which has as subjects two

nursery teachers, shows that educational professionals do not consider the importance of the interference of their practices in the construction of the children's gender identities. At school as well as in the family, children are totally exposed to models of masculinity and femininity identities; Both girls and boys are treated differently by teachers, based on behavior appropriate to each sex.

Keywords: Gender; Child education; Identity

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: *pluraridade cultural: orientação sexual*/Secretaria de Educação Fundamental. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (org.) **Prefácio. Cadernos Cedes. *Infância e educação: As meninas***, (56), 2002a, p.2-4.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Editores Associados, 2002b.

FELIPE, Jane. **Construindo identidades sexuais na Educação Infantil**. Páteo, (7), nov.98/jan.99. pp. 56-58.

_____ *Infância, Gênero e Sexualidade*, Educação e Realidade Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, (1), pp. 54-87, jan/jul 2000.

_____ *Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações*. In: MEYER, Dagmar (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____ *Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações*. In: MEYER, Dagmar (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

FINCO, Daniela. **A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil**. In: FARIA, Ana Lúcia G. de. O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes. São Paulo: Editora Cortez, 2007, p. 94-119.

_____ **Escolarização de meninas e meninos brasileiros: o desafio da co-educação**. Pro-Posições, v. 19, n. 1 (55) - jan./abr. 2008.

_____ **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil.** Revista Pro-Posições, v.14, n.3(42).

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero: questões para a Educação.** In: Bruschini, Cristina, Unberhaum, Sandra G. (orgs.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo, SP: FCC: Ed.34, 2002.

_____ *Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares.* In: SILVA, Luiz Heron da (org). **A escola cidadã no contexto da globalização.** 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ROCHA, Ruth. ***Em Faca sem ponta, galinha sem pé.*** ed.Salamandra. Ática. 2009.

Scott, J. (1988). ***Gender and the politics of history.*** New York: Columbia University Press.

TÜRCKE, C. ***Sociedade excitada: filosofia da sensação.*** Campinas: Unicamp, 2010.

VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. **Gênero na educação básica: quem se importa? uma análise de documentos de políticas públicas no Brasil.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

EUGENIA LUCIA DOS SANTOS NUNES

**TCC: GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo de caso
sobre a construção e a reprodução de “ser menino” e “ser menina”**

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1. Você acha que os professores devem tratar de forma diferente meninos e meninas em sala de aula? Por quê?
2. É feita alguma separação dos objetos/brinquedos usados pelos meninos e meninas na sua sala de aula? Como?
3. O brincar/brincadeira pode influenciar na orientação sexual da criança? De que forma?
4. Você acha que as suas práticas influenciam na construção das identidades de gênero das crianças?

Registro fotográfico

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

